

SISTEMA KS DE AVALIAÇÃO: uma proposta criativa para a avaliação do ensino da comunicação

EDUARDO KOLAITIS *
MARIA SCHULER **

RESUMO: O artigo apresenta um instrumento de avaliação de ensino, para uso nas disciplinas de Comunicação Social, que visa incentivar o desenvolvimento das características que levam a uma performance criativa e equilibrada do aluno, preparando-o para a integração na vida profissional, sem perda do potencial criativo e da atitude divergente.

DESCRITORES: Educação
Criatividade
Equilíbrio
Desenvolvimento
Education
Creativity
Balance
Development

ABSTRACT: This paper describes a teaching evaluation instrument, specially developed for Social Communication Subjects. The KS Evaluation System improves the development of the characteristics that lead the student to a creative and balanced performance. So, it prepares the student to the integration of a professional life, without losing the creative potentiality and the divergent attitude.

1 INTRODUÇÃO

Tenho assistido, nestes últimos anos, alguns professores de Comunicação Social, principalmente da área de Publicidade e Propaganda, confundirem a orientação aberta e irrestrita que fomenta o desenvolvimento dos talentos criativos, com a completa falta de orientação. Sei de casos tão incríveis, como o de um professor que, ao iniciar um semestre, disse aos alunos que criação é coisa que ou se tem ao nascer, ou não se adquire mais, e após dizer isso retirou-se, não aparecendo mais por todo o semestre. Não me ocorreria escrever um artigo desse tipo, se não recebesse em minha classe, todos os anos, vítimas desse tipo de desorientação e se não tivesse sido, eu mesma, quando estudante, uma delas.

* Professor de Fotografia na Preto & Cor – Centro de Estudos em Arte e Propaganda Ltda.

** Professora do Departamento de Comunicação da FABICO/UFRGS.

A criatividade faz parte de nossa bagagem genética, assim como diversas outras coisas, as quais não nos ocorre discutir, no que se refere à necessidade de cultivo posterior. O quociente de inteligência, por exemplo, vem bastante determinado no nascimento, mas são evidentes os prejuízos que podem trazer os desleixos no treinamento da capacidade de utilizá-lo. Assim também o talento criativo, para manifestar-se em todo o seu potencial, necessita de diversos *alimentos*.

O professor criativo e interessado no desenvolvimento da criatividade de seus alunos tem outro comportamento, que não o de abandoná-los à própria sorte.

2 EDUCAR CRIATIVAMENTE PESSOAS CRIATIVAS

Educa criativamente pessoas criativas, o professor que é, ele mesmo, talentoso e sensível para perceber os problemas a superar, encontrando a melhor forma para fazê-lo. Há autores que contestam essa afirmativa, mas não vejo como um professor tradicional ou autoritário possa ter suficiente abertura para lidar com os desequilíbrios dos alunos altamente criativos sem tolhe-los, e para destravar as barreiras daqueles que, pouco criativos, necessitam multiplicar e aproveitar ao máximo o potencial que têm. Também não vejo como um professor que foge de suas tarefas, quer por comodismo, quer por medo de enfrentá-las, possa fornecer ao aluno o conjunto de situações que fomentarão, da melhor maneira, seu desenvolvimento equilibrado.

O professor é responsável pela formação do repertório de conhecimentos com os quais os alunos deverão lidar. Sabe-se que a criação não se dá por *geração espontânea* de idéias, e sim por combinações inéditas e relevantes de conceitos e conhecimentos previamente adquiridos. Num curso universitário, onde o aluno já se definiu por um caminho profissional, o professor elabora a seleção e ordenação do conjunto de conhecimentos que formarão o melhor repertório para o exercício daquela profissão específica. Além dessa seleção, ele deverá transpor as barreiras da preguiça, da dispersão e da falta de hábitos de estudo, que muitas vezes acompanham alunos criativos, motivando-os para isso. Sua maior experiência diz que o que é necessário saber, para transpor as dificuldades daquele fazer, e a sua maior maturidade permite perceber a necessidade deste saber, de uma maneira ainda não alcançada pelos alunos. Geralmente numa fase ainda adolescente, envoltos nos pequenos interesses comuns dessa idade, os estudantes vêem certos conteúdos como vazios, chatos e desnecessários. Somente o professor sabe, então, que tudo fará sentido depois. Agora, precisa ter talento para interessá-los, fazendo-os perceber as ligações.

É lógica a observação que poderia agora lhes ocorrer, que o repertório do aluno não será formado apenas na escola. Ele traz parte de casa, parte da rua, vai adquirir muito mais na prática da profissão, mas o professor é responsável pela parte que compete à escola. Se fosse suficiente o que o aluno aprende em casa, na rua e no trabalho, era melhor que a escola não exigisse sua presença ali, deixando-o desenvolver-se em paz, em ambientes mais ricos.

O professor talentoso providencia, também, no *destravamento* das habilidades criativas, tão prejudicadas por uma sociedade heterogênea, cheia de *caixas estereotípicas* e pressões repressivas contra a atitude divergente. O professor detecta

os problemas de inibição criativa de seus alunos, criando situações que os levem a manifestar seus pensamentos divergentes, recompensando-os por eles. Faz com que os alunos reconheçam o valor de sua divergência, acima da necessidade de reprimi-la. É receptivo e encorajador, colocando-os em situações em que, ao mesmo tempo em que adquirem conhecimento, aprendem a contestá-lo e renová-lo, aprendendo não por autoridade, mas sim por reconhecimento, crítica e elaboração. Ele está tão próximo e atento a seus alunos, que pode sentir-lhes o medo chegando, a insegurança, bem a tempo de mostrar-lhes que não existe o *não posso*. E aí, sabe sair de mansinho, quando eles descobrem que podem, para que tenham a certeza de que podem por eles mesmos, independentes.

O professor eficiente trabalha pela criação de atitudes pessoais que equilibrem a personalidade criativa, fazendo com que ser criativo seja uma felicidade, e não uma tortura. O aluno criativo carece de disciplina, por sua própria natureza divergente. Ser deixado entregue a essa característica, significará, talvez, que ele não consiga jamais realizar suas idéias, por não poder sujeitar-se ao caminho metódico de executá-las, por estar envolvido por pequenos confortos momentâneos, que não o permitem buscar, através do árduo trabalho, a superação dos desafios, das barreiras da própria limitação, vitórias, estas sim, que lhe trarão as autênticas e grandes satisfações. O professor o estimula a ter paciência e dedicação, abrindo mãos dos pequenos *quereres* comuns, para atingir algo maior que ele realmente *queira*. Esse é um importante fator de ajustamento social, que fará com que o aluno seja capaz de integrar-se às lides profissionais sem traumas, nem perda de potencial inovador. Conquistará, com isso, ser o gerente de sua própria disciplina, característica que garante do verdadeiro sentido da liberdade. Além disso, o professor o auxiliará a aceitar suas limitações, equilibrando autocrítica e auto-estima. O auxiliará a tornar-se mais sociável e tolerante, a lidar com suas ansiedades e temores, a criar resistência às frustrações e a aproveitar seus próprios erros.

Até aqui, já dá para sentir a diferença que existe entre um professor que orienta criativamente alunos criativos, e um que os abandona por princípio, esperando que se auto-eduquem.

3 UM SISTEMA DE AVALIAÇÃO COM FILOSOFIA CRIATIVA

O que se deseja com o programa de ensino universitário de Comunicação Social não é apenas o desenvolvimento de habilidades específicas de caráter teórico, técnico e prático, mas também de comportamentos favoráveis ao aperfeiçoamento pessoal e da sociedade como um todo.

Deseja-se a formação de pessoas livres, mas que saibam usar a liberdade com adequação, em favor de seu crescimento e da melhoria constante da sociedade em que vivem.

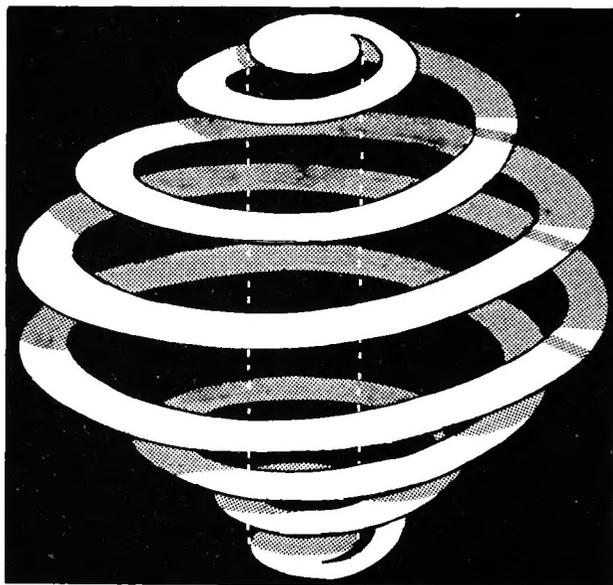
Deseja-se a formação de pessoas atuantes, críticas e com autodeterminação, capazes de traçar seus objetivos e terem a disciplina suficiente para persegui-los, embalados pela própria motivação.

Deseja-se, também a formação de profissionais teórica, técnica e praticamente bem equipados, para que possam desempenhar um papel significativo na evolução da profissão que abraçaram e na sua mesma.

Deseja-se ainda, a formação de pessoas conscientes de sua responsabilidade social, do peso de sua atuação na comunidade em que atuam.

A evolução se dá num movimento em espiral, como se fosse um caminho que partisse de um pequeno ponto, fosse subindo, levemente, em torno desse ponto, alargando cada vez mais seu percurso, sua abrangência, até ficar suficientemente amplo para poder reduzir e simplificar o percurso, baseado na amplitude e generalidade do conhecimento adquirido. Neste momento, o caminho vai-se tornando, novamente mais centralizado, mais próximo de um ponto de convergência que, se apreciado do alto, coincide quase perfeitamente com o ponto inicial. Mas há uma diferença fundamental entre ambos: é o caminho percorrido. Esse caminho faz com que um ponto, o inicial, seja o vazio, a ignorância e a impotência, enquanto o ponto final é a plenitude, o conhecimento, o poder.

4 ESPIRAL DA EVOLUÇÃO



O que acontece, agora, é que não se pode pretender ter com os alunos um comportamento final, como se já fossem conscientes e responsáveis, cultos e bem informados, capazes de assumirem seu próprio desenvolvimento. Não são. O professor tem, por isso, a função de planejar, passo a passo, o longo caminho em espiral que os levará, depois da escola, a assumirem a continuidade de seu desenvolvimento e o da sociedade, com liberdade e determinação.

Tendo presentes estas constatações, criamos um sistema de avaliação que, integrado ao planejamento das diversas disciplinas, procura auxiliar o aluno no desenvolvimento de suas habilidades e de seu equilíbrio pessoal. O Sistema KS de Avaliação preocupa-se em formar as atitudes esperadas de uma educação eficiente, e prevê diversos dispositivos que incentivem os alunos à aquisição de conhecimentos e habilidades para lidar com seu ambiente, a formação da consciência de sua liberdade, de suas possibilidades de criticar e intervir no ambiente, consciência de sua responsabilidade social e fluência criativa. O sistema visa reforçar os aspectos positivos da performance do aluno, tanto quanto desprestigiar as atitudes irresponsáveis, desinteressadas ou omissas.

Com a finalidade de liberar a figura do professor dos maus humores que pode atrair o nível de exigência que traz o sistema de avaliação, adotou-se a figura do *computador* como sujeito principal da avaliação, de forma que o professor possa ser visto como auxiliar, sempre próximo do aluno, para que esse consiga atingir o nível de exigência do *computador*, figura fria, impessoal, distante e inexorável como a vida.

O sistema conta com auto-avaliação, praticada pelo aluno, assim como sua avaliação da performance do professor e do programa adotado na disciplina, com a mesma intensidade com a qual ele próprio é avaliado.

5 DINÂMICA DO SISTEMA KS DE AVALIAÇÃO

As avaliações são entregues semanalmente, aos alunos, para que eles possam acompanhar sua performance na disciplina, e para que a avaliação sirva como parte atuante do processo de ensino aprendizagem, possibilitando discussões, reestruturação de trabalhos e atitudes, como pontos de partida para novas situações, e não mera mensuração final, para efeitos de classificação.

A cada entrega de avaliação o professor convida os alunos a fazerem sua auto-avaliação, com base naqueles critérios. Se forem discordantes, a auto-avaliação, com a avaliação do *computador*, após o período de aula o professor estará disponível para discussões. Também é solicitada, a cada semana, crítica da atuação do professor e do resultado do plano de ensino, previamente criticado e aprovado pelos alunos.

A cada entrega constará, já, a média do aluno traduzida em conceito (A, B, C, D, ou E), até ali, desdobrada pelos diversos critérios que a compõem.

6 CRITÉRIOS PARA A AVALIAÇÃO DO ALUNO

- a) frequência: o aluno necessita de 75% de presença às aulas, portanto, menos que isso, resulta diretamente conceito E no semestre. O aluno que fizer apenas os 75% exigidos, terá somente o conceito considerado mínimo para aprovação (C), nesse critério. Com o acréscimo de maior número de pre-

senças seu conceito irá subindo proporcionalmente: 12 a 13 presenças resultam conceito B e, de 14 a 15 presenças resultam conceito A, nesse critério.

Esse critério tem peso 1, na construção da média diária;

- b) trabalho em casa: refere-se ao fazer tarefas recomendadas pelo professor. Tem três possibilidades de pontuação: 10, se o aluno fez o trabalho, 0 se não fez e 5 se fez incompleto.

Esse critério tem peso 2;

- c) trabalho em aula: refere-se ao fazer e participar das tarefas desenvolvidas em aula. Tem três possibilidades de pontuação: 10, se o aluno fez o trabalho, 0 se não fez e 5 se fez incompleto.

Esse critério tem peso 2;

- d) criatividade: esse critério visa a somar excelência à realização dos trabalhos. Se foram realizados criativamente, terão 10, se forem simplesmente realizados para cumprir com a tarefa, terão 0, nesse critério. Poderá haver pontos intermediários.

Tem peso 1;

- e) iniciativa: também visa a somar excelência aos trabalhos.

Se o aluno procurou outras fontes além das citadas, para realizar seu trabalho, ou fez algo a mais do solicitado, de sua própria iniciativa, terá 10 nesse critério. Se fez somente o solicitado, terá 0.

Esse critério tem peso 1;

A inclusão dos critérios Criatividade e Iniciativa possibilita que, na construção da média diária, os trabalhos simplesmente feitos para cumprir tarefa resultem num conceito simplesmente suficiente para passar o aluno (C). Só obterão conceitos A ou B de acordo com o maior esforço empreendido na tarefa. Esse critério de avaliação visa estimular o aluno a construir sua boa ou excelente classificação final, dando real peso a seu possível maior esforço em busca do conhecimento.

- f) sociabilidade: esse critério visa a dar ao aluno a consciência do peso de sua performance pessoal no conjunto social ao qual ele pertence. A cada aula, todos serão solicitados a preparar uma tarefa para a próxima aula. Somente um ou dois alunos, entretanto, serão escolhidos ou sorteados para prestarem contas da execução da tarefa. A sua pontuação (10 se for realizada, 0 se não for realizada e 05 se for realizada parcialmente) será atribuída a todo o grupo de alunos.

Ninguém poderá perder um semestre apenas por esse critério, mas, sem dúvida, será um dos componentes do conceito final de cada um dos alunos, podendo baixar ou levantar sua média final, assim como, nas comunidades, os incompetentes rebaixam o nível geral da performance do grupo e os excelentes o elevam.

Todos esses critérios compõem uma média diária (semanal) e a média dessas médias diárias compõe o conceito final. Os cálculos são efetuados por um programa especial de computador, criado para essa finalidade.

Nas próximas páginas temos um exemplo da planilha sem ser preenchida, uma parcialidade preenchida e uma completamente preenchida, de um mesmo aluno fictício, para poder-se apreciar o desenvolvimento da formação do conceito em três momentos distintos.

PLANILHA VAZIA

NOME DO ALUNO: _____ TURMA: _____

DISCIPLINA: _____

DIAS DE AULA 1

AULA/ DAT	C1	C2	C3	C4	C5	C6	X	MÉDIA	AVALIAÇÃO DIÁRIA
1							5	.00	* * * *
2							5	.00	* * * *
3							5	.00	* * * *
4							5	.00	* * * *
5							5	.00	* * * *
6							5	.00	* * * *
7							5	.00	* * * *
8							5	.00	* * * *
9							5	.00	* * * *
10							5	.00	* * * *
11							5	.00	* * * *
12							5	.00	* * * *
13							5	.00	* * * *
14							5	.00	* * * *
15							5	.00	* * * *

TOTAL DIAS DE AULA	1		
TOTAL DE PRESENCAS À AULA	0		
PERCENTUAL DE PRESENCAS À AULA . . .	0%		
MÉDIA GERAL DE AVALIAÇÃO DIÁRIA00
AVALIAÇÃO DE FREQUÊNCIA		* * *	E
AVALIAÇÃO GERAL DIÁRIA		* * *	D

CONCEITO FINAL E D * * *

CRITÉRIOS:

- C1 = Frequência. Peso 1
- C2 = Trabalho em casa. Peso 2
- C3 = Trabalho em aula. Peso 2
- C4 = Criatividade. Peso 1
- C5 = Iniciativa. Peso 1
- C6 = Sociabilidade. Peso 1

Planilha projetada com SuperCalc 2, para computador da linha TRS-80 com sistema operacional CP/M.

PLANILHA PARCIALMENTE PREENCHIDA

NOME DO ALUNO: CAIO VARELA TURMA: U

DISCIPLINA: PROJETO GRÁFICO

DIAS DE AULA 8

AULA/ DAT	C1	C2	C3	C4	C5	C6	x	MÉDIA	AVALIAÇÃO DIÁRIA
1	0	0	0	0	0	0	7	.00	* * * *
2	0	0	0	0	0	0	7	.00	* * * *
3	1	20	20	5	10	10	7	9.29	A * * *
4	1	10	20	10	10	5	7	7.86	* B * *
5	1	20	20	10	10	10	7	10.00	A * * *
6	1	20	20	5	10	10	7	9.29	A * * *
7	1	10	20	10	5	0	7	6.43	* * C *
8	1	10	20	10	10	5	7	7.86	* B * *
9							5	.00	* * * *
10							5	.00	* * * *
11							5	.00	* * * *
12							5	.00	* * * *
13							5	.00	* * * *
14							5	.00	* * * *
15							5	.00	* * * *

TOTAL DIAS DE AULA	8	
TOTAL DE PRESENCAS À AULA	6	
PERCENTUAL DE PRESENCAS À AULA	75 %	
MÉDIA GERAL DE AVALIAÇÃO DIÁRIA	6.34	
AVALIAÇÃO DE FREQUÊNCIA		* * C *
AVALIAÇÃO GERAL DIÁRIA		* * C *

CONCEITO FINAL * * C * *

- CRITÉRIOS:
- C1 = Frequência. Peso 1
 - C2 = Trabalho em casa. Peso 2
 - C3 = Trabalho em aula. Peso 2
 - C4 = Criatividade. Peso 1
 - C5 = Iniciativa. Peso 1
 - C6 = Sociabilidade. Peso 1
-

Na metade do semestre o aluno ainda sente os efeitos das duas faltas consecutivas, mas poderá recuperar seu conceito.

PLANILHA TOTALMENTE PREENCHIDA

NOME DO ALUNO: CAIO VARELA TURMA: U

DISCIPLINA: PROJETO GRÁFICO

DIAS DE AULA 15

AULA/ DAT	C1	C2	C3	C4	C5	C6	X	MÉDIA	AVALIAÇÃO DIÁRIA
1	0	0	0	0	0	0	7	.00	* * * *
2	0	0	0	0	0	0	7	.00	* * * *
3	1	20	20	5	10	10	7	9.29	A * * *
4	1	10	20	10	10	5	7	7.86	* B * *
5	1	20	20	10	10	10	7	10.00	A * * *
6	1	20	20	5	10	10	7	9.29	A * * *
7	1	10	20	10	5	0	7	6.43	* * C *
8	1	10	20	10	10	5	7	7.86	* B * *
9	1	20	20	5	10	10	7	9.29	A * * *
10	1	20	10	5	5	5	7	6.43	* * C *
11	1	20	20	10	10	10	7	10.00	A * * *
12	1	20	20	10	5	10	7	9.29	A * * *
13	1	20	10	10	5	10	7	7.86	* B * *
14	1	20	0	0	0	10	7	4.29	* * * D
15	1	20	20	10	10	10	7	10.00	A * * *
TOTAL DIAS DE AULA									15
TOTAL DE PRESENÇAS À AULA									13
PERCENTUAL DE PRESENÇAS À AULA									86.67 %
MÉDIA GERAL DE AVALIAÇÃO DIÁRIA									7.19
AVALIAÇÃO DE FREQUÊNCIA									* B * *
AVALIAÇÃO GERAL DIÁRIA									* B * *
CONCEITO FINAL									* * * B *

CRITÉRIOS:

C1 = Frequência.	Peso 1
C2 = Trabalho em casa.	Peso 2
C3 = Trabalho em aula.	Peso 2
C4 = Criatividade.	Peso 1
C5 = Iniciativa.	Peso 1
C6 = Sociabilidade.	Peso 1

No final do semestre, o aluno teve oportunidade de recuperar bastante sua nota. Os cálculos das colunas de MÉDIA, AVALIAÇÃO DIÁRIA e das linhas abaixo do bloco de totais são feitos automaticamente, assim que o professor entra com os valores dos critérios (C1, C2 etc.) na linha correspondente à AULA/DATA em que o aluno está sendo avaliado.

Espera-se que, com esses procedimentos de avaliação, se consiga quebrar a inércia e apatia inicial do aluno, frente ao estudo, levando-o a realizar coisas que o satisfaçam de tal forma que passem, pouco a pouco, a ser sua motivação para, sem mais necessidade de instrumentos complexos como esse, agir livre e responsabilmente, em busca do crescimento pessoal e social. Para que esse objetivo seja alcançado, o professor deve estar muito atento, para que possa, pouco a pouco, conforme vai notando que cresce o entusiasmo e autodeterminação dos alunos, face às suas realizações, ir tirando a ênfase e a importância dada ao instrumento de avaliação, podendo até, conforme o caso, suprimi-lo completamente até o final do semestre, fazendo-o retornar somente na avaliação final, que, no caso, será muito positiva.

7 RESULTADOS DE TRÊS SEMESTRES DE EXPERIÊNCIA COM O SISTEMA KS

Mesmo que, quando da criação do sistema, tivéssemos fé em seus resultados positivos, surpreendeu-nos a aceitação que teve. Se pensa que o sistema é autoritário e mal visto pelos alunos, enganou-se. Os alunos o tomam como um desafio, já que assim ele é proposto. Sentem-se acarinhados pela atenção constante que exige do professor sobre cada aluno, de forma individual, assim como sentem que o que é exigido deles, em termos de trabalho, é exigido também do professor. Além disso, os alunos discutem o sistema, suas avaliações, fazem críticas e modificações, a cada semestre, participando de sua estruturação. Esforçam-se sobremaneira para merecerem a nota máxima a cada aula, competem entre si pelo melhor conceito, embora saibam que não são comparados uns com os outros para a atribuição desses conceitos. Cada aluno é comparado somente consigo mesmo, em seus diversos momentos de evolução.

Observação importante é que o sistema é proposto em termos experimentais, e os alunos têm o poder de aceitá-lo ou rejeitá-lo a qualquer momento do semestre, e, até agora, nenhum o rejeitou, em nenhum momento. Sentem-se respeitados ao cobrá-lo do professor, a cada semana, assim como o professor cobra-lhes as tarefas.

Uma vantagem enorme do sistema, é que os alunos chegam ao final do semestre com o conceito formado, sendo dispensável a realização das afletivas provas ou dos desconfortáveis trabalhos finais, que têm a habilidade de congestionar-se todos na mesma época.

Ao final de cada semestre faz-se uma avaliação, por escrito e sem assinatura, do sistema de avaliação, resultando disso o levantamento da opinião dos alunos sobre o sistema. Em geral, têm opinado que o sistema é motivador para as atividades, justo e criativo.

8 OBSERVAÇÕES SOBRE A APLICAÇÃO DO SISTEMA KS DE AVALIAÇÃO

Algumas limitações importantes existem à aplicação desse sistema.

Em primeiro lugar, ele deve ser aplicado por um professor que compreenda e domine perfeitamente cada um dos conceitos que ele envolve, sem fazer confusões

sobre, por exemplo, o que é um trabalho criativo, e o que é uma atitude socialmente adequada. Aconselha-se que, antes de aplicá-lo, o professor estude bastante sobre as atitudes que levam a um comportamento criativo (na bibliografia citada nesse artigo há sugestões interessantes), sobre os problemas de sociabilidade próprios do contexto de onde vêm e para onde vão os alunos, sobre os objetivos do curso e da disciplina que desenvolve.

Em segundo lugar, o sistema não é operacionalizável em turmas muito grandes, onde fica difícil o professor conhecer logo todos os alunos pelo nome, além de ser trabalho exaustivo compor planilhas individuais, a cada aula, para longas listas.

Em terceiro lugar, o professor deve aplicá-lo imbuído de sua filosofia de fomento à atitude criativa, para que não utilize o instrumento para repressão ou punição, e sim para incentivo aos aspectos positivos.

De tudo isso, resta-nos estarmos encantados com o resultado da aplicação do instrumento, ansiosos para ver que rumo tomará seu desenvolvimento, espectadores por companhia em sua aplicação e aperfeiçoamento.

9 BIBLIOGRAFIA CITADA

- 1 ALENCAR, Eunice Soriano de. *Psicologia da criatividade*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1986.
- 2 KNELLER, George F. *Arte e ciência da criatividade*. São Paulo, IBRASA, 1978.
- 3 LUCKESI, Cipriano. *Fazer Universidade: uma proposta metodológica*. São Paulo, Cortez, 1986.
- 4 POPHAM, W. James. *Como avaliar o ensino*. Porto Alegre, Globo, 1978.
- 5 TORRANCE, E. Paul. *Criatividade: medidas, testes e avaliações*. São Paulo, IBRASA, 1976.

